

CONDOMÍNIO DE IMAGENS: A PUBLICAÇÃO ARTÍSTICA COMO LUGAR DE ARTICULAÇÃO ENTRE CULTURA E NATUREZA

GABRIELI DOS SANTOS DA SILVEIRA¹; HELENE GOMES SACCO²;

¹Universidade Federal de Pelotas – gabrieli.silveira@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – sacco.h@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

A presente pesquisa parte da minha dissertação intitulada Condomínio de Espécies: A Publicação Artística como Lugar de Fabulação nas Artes Visuais, do Mestrado em Artes, na linha de pesquisa de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano. Busco tratar sobre o processo de criação dos trabalhos relacionados à minha pesquisa de Mestrado no PPGArtes da UFPel. Recorro ao autor Tim Ingold, que distingue "objetos" de "coisas", destacando que uma árvore não é um objeto isolado, mas um agregado de fios vitais que interage com o ambiente. Para ele, uma "coisa" é algo vivo e dinâmico, conectado a um ecossistema (INGOLD, 2012). Esse conceito serve como ponto de partida para discutir como, em meu trabalho, elementos cotidianos, como uma gaveta cheia de notas, também desempenham um papel semelhante, servindo de ambiente para traças de papel, transformando-se em um microecossistema. Faço uma reflexão para questionar a separação entre cultura e natureza (SILVA, 2018), usando novamente minha prática artística para exemplificar como essas esferas estão intrinsecamente conectadas.

2. METODOLOGIA

Na pesquisa, utilizo a Metodologia das Artes Visuais, que se concentra na observação do processo criativo e no movimento entre teoria e prática. Como estratégia, adoto alguns instrumentos para uma análise poiética da obra, como os diários de processo (REY, 2002) e coisas (INGOLD, 2012) do meu cotidiano que se transportam para dentro da publicação artística. A produção dessas publicações foram o norte da pesquisa e aqui observo o percurso de minhas escolhas no momento de criação dos trabalhos, os relacionando com a pesquisa teórica.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Enquanto escrevia a dissertação, percebi que enquanto um olhar mais político se apurava através dos anos nas minhas produções, também fui observando lugares cada vez mais micros, o que teve uma reverberação maior durante a pandemia de Covid-19. Enquanto os animais eram confinados a territórios cada vez menores devido às vastas queimadas, nós também nos limitávamos a pequenos espaços, comunicando-nos através de videochamadas em telas de computadores e celulares, ocupando nossos próprios microterritórios.

Passei a procurar em casa durante esse momento os outros seres que ocupavam microterritórios dentro de casa, junto conosco. Para minha surpresa, algumas pequenas telas de pintura que fiz na época para me ocupar em casa já estavam sendo ocupadas por aranhas no verso delas. Meus trabalhos, então,

passaram a procurar instaurar esse lugar de interesse pelo cotidiano que nos cerca e que pouco percebemos. Tim Ingold fala sobre como estamos ligados ao nosso entorno:

A árvore é um objeto? Em caso positivo, como a definiríamos? O que é árvore, e o que é não árvore? Onde termina a árvore e começa o resto do mundo? [...]. A casca, por exemplo, é parte da árvore? Se eu retiro um pedaço e o observo mais de perto, constatarei que a casca é habitada por várias pequenas criaturas que se meteram por debaixo dela para lá fazerem suas casas. Elas são parte da árvore? E o musgo que cresce na superfície externa do tronco, ou os líquens que pendem dos galhos? Além disso, se decidimos que os insetos que vivem na casca pertencem à árvore tanto quanto a própria casca, então não há razão para excluirmos seus outros moradores, inclusive o pássaro que lá constrói seu ninho ou o esquilo para o qual ela oferece um labirinto de escadas e trampolins. [...] Essas considerações me levaram a concluir que a árvore não é um objeto, mas um certo agregado de fios vitais. É isso que entendo por coisa. (INGOLD, 2012, p.28 e 29)

Quando falo de coisas que me rodeiam, também falo para além do mero objeto, pois são muitos elementos que me tocam ao realizar o trabalho. Eu comecei a me interessar pelas frestas da casa, por onde se escondiam os pequenos inquilinos que a minha casa chama: eles se escondem no vão da porta, numa gaveta de notinhas fiscais (as traças comendo papéis), embaixo da terra no meio do meu canteiro de flores, na volta de uma casquinha da minha árvore de noz-pecã, numa teia velha no teto, no lustre da lâmpada. Onde quer que nós olhemos, há muita vida imersa na casa.

Além disso, procuro não separar a cultura de natureza, assim como Mariana Silva da Silva em sua tese sobre questões do cotidiano, diz que Vilém Flusser sustenta que a cultura pode vir a ser a natureza do homem [...]. E a cultura, enquanto natureza do homem, é o campo da liberdade. Nela, os dedos podem realizar suas virtualidades (FLUSSER, 1979, p. 69 apud Silva, Mariana Silva da, 2018, p. 70). Já Philippe Descola traz que:

Onde termina a natureza e onde começa a cultura quando eu faço uma refeição, quando eu identifico um animal pelo nome ou quando eu busco o caminho das constelações no céu? Em suma, para usar uma imagem de Alfred Whitehead, “as bordas da natureza ainda estão em frangalhos” (DESCOLA, 2002, p. 15, apud Silva, Mariana Silva da, 2018, p. 71).

Para mim, os três autores trazem ideias que andam juntas e se relacionam com meu trabalho. A cultura pode vir a ser a natureza da humanidade, uma questão de percepção que mudaria muito nossa postura diante do mundo e sua sobrevivência. O que fazemos com a natureza nas nossas vidas deveria ser questão frequente, como a casca da árvore que Tim Ingold traz como exemplo, que também se transforma nas mais diversas coisas em casa. A publicação artística na minha pesquisa, trabalha com uma grande coleção de imagens de bichos que eu mesma crio através de desenhos, e que estão presentes nas páginas dos meus cadernos, onde sigo arquivando essa série de bichos, assim como um museu conserva suas espécies, ou até como uma gaveta que esconde pequenos insetos. Os seres que habitam essas imagens encontram uma nova ordem na publicação, onde ocupam páginas como sua nova casa, um território utópico que procura expandir os espaços que foram perdidos na natureza, criando assim um **condomínio de espécies nas páginas**, onde busco fazer com que esses bichos dialoguem entre si.

Sendo assim, fui em direção dessas pequenas coisas na casa, procurando pequenas criaturas fazendo moradia, assim como podemos encontrar nas cascas de árvores. Parti de uma gaveta na minha casa que possui como função primordial guardar notas fiscais, mas essa gaveta, além de escura e segura, ainda guarda uma memória da sua ancestralidade: ser feita de madeira. Aquelas lascas de madeira milimetricamente cortadas em retângulos que, assim como a casca da árvore, podem guardar uma borboleta que se perdeu do voo, uma centopeia que se escondeu em um dia de chuva, um percevejo que fugiu do alface ou uma aranha que encontrou o lugar perfeito para pegar algumas presas desavisadas.



**QUANDO O CONSUMO
OCUPA A VIDA
A NATUREZA REVIDA**

**ATÉ COM AS TRAÇAS
QUE POR UMA FRESTA
NA GAVETA, ENCONTRAM
UM BANQUETE DE
NOTAS FISCAIS**

Imagem 1 e 2: Gabrieli Silveira, dentro de uma gaveta, a natureza re-vida, 2023.

O meu interesse por essas notas fiscais começou no meu caderno de desenho mais como um interesse pelo material, pela textura dessas bobinas térmicas e como elas funcionam em contato com os meus materiais. Porém, a partir daí, comecei a investigar mais sobre as notas e me dei conta da história que elas contam: notinhas de viagem que eu tinha, notinhas de supermercado, notinhas de materiais que precisei comprar. Comecei a notar como todo o meu cotidiano estava registrado em um papel tão frágil, registrado através do consumo. Assim, lembrei dessa gaveta na minha casa que, na verdade, é dos meus pais, e é onde eles guardam notinhas de compras que eles consideram importantes. Entretanto, havia um “inimigo cruel” vivendo com eles em casa, as traças.

Então, passei a me interessar pelo modo como as traças encontram de resistir à casa, consumindo o registro do nosso consumo. Essas notas têm uma impressão térmica que acaba se desgastando com o tempo, algumas até vem com um indicativo falando que daqui há cinco anos não restará mais nada do que foi escrito no papel, mas o desenho resiste. O desenho com caneta hidrocor resiste, assim como a resistência da traça continua com ela se rastejando pelo interior da gaveta, que protege também o seu frágil casulo, e se alimentando das notas quando ela entra pelas frestas.

Para isso, nessa publicação que dividi em dois cartazes, busquei trazer as notas na forma como elas ficam dispostas na gaveta, espalhadas. Alguns desenhos que saíram do meu caderno foram editados, mas a aranha e a traça eu realmente desenhei sobre as notas para que resistam sobre esse consumo. Também comecei a pensar mais na escrita feita à mão para o trabalho, porque queria que se aproximasse mais do meu desenho e se apresentasse como parte dele, além de desejar uma escrita mais pessoal, até no modo de escrever.



Imagem 3: Gabrieli Silveira, caderno de desenho usado para os cartazes.

4. CONCLUSÕES

Ao observar pequenos habitantes e ecossistemas que coabitam conosco, como as traças nas gavetas de notas fiscais, passo a considerar os microterritórios que se formam à nossa volta e como eles dialogam com nossas práticas diárias, nossas memórias e nossas criações. Minha produção se volta para esses detalhes sutis e para o desenho que resiste ao tempo da maneira que pode.

Assim, proponho uma arte que reflete sobre o cotidiano e sobre como somos atravessados por ele: seja pelas traças que consomem registros do nosso consumo, seja pela própria natureza que emerge em nossos espaços mais íntimos. Meu trabalho convida à atenção para essas pequenas coisas, para os fios vitais que nos ligam ao mundo e que, mesmo em nossa tentativa de separação, nos mostram que cultura e natureza andam juntas, uma coexistindo a partir da outra. Além disso, compreendo que nós somos parte da natureza e como parte dela também resistimos ao capitalismo que tenta nos suprimir. Por fim, estar comprometida com a consciência sobre a existência e sobrevivência dos bichos é estar, também, comprometida com nossa própria sobrevivência.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- DESCOLA, Philippe. **L'anthropologie de la nature**. In: **Histoire, Sciences Sociales**, 57., 2002. Anais... v. 57, n. 1, 2002. pp. 9-25. Acesso em: 13/02/2024. Disponível em: http://www.persee.fr/doc/ahess_03952649_2002_num_57_1_280024.
- FLUSSER, Vilém. **Natural:mente: vários acessos ao significado de natureza**. São Paulo: Duas Cidades, 1979.
- INGOLD, Tim. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.
- REY, S. Por uma abordagem metodológica da pesquisa em artes visuais. In: BRITES, B. TESSLER, E. **O meio como ponto zero**. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002. Cap.9, p.123-140.
- SILVA, Mariana Silva da. **Zonas de contato : ressonâncias da natureza no infraordinário**. 2018. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Porto Alegre, RS. 2018. Acesso em: 17/02/2024. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/187908>.